

## ARTIGOS DOSSIÊ

Brunno Ewerton<sup>I</sup>

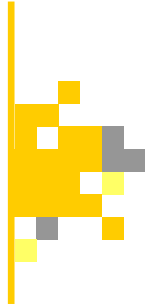
Júlia Lyra<sup>II</sup>

Mohammed ElHajji<sup>III</sup>

Catalina Revollo Pardo<sup>IV</sup>

## Afrodíaspóra digital: xenorracismo algorítmico na visibilidade de migrantes africanos(as)

Digital afrodiaspora: algorithmic xenoracism in the visibility of African migrants



### RESUMO:


O objetivo deste estudo é compreender as dinâmicas de xenorracismo nas plataformas digitais, com ênfase nas vivências e percepções de migrantes africanos(as) que atuam como criadores(as) de conteúdo, explorando a mediação algorítmica na visibilidade digital. A pesquisa, de abordagem qualitativa e exploratório-descritiva, utilizou a técnica de inserção de campo *snowball*, contando com seis migrantes de diferentes nacionalidades de países africanos e residentes no Brasil. A análise das entrevistas, fundamentada na Análise Crítica do Discurso, ilustrou três principais formas de mediação do xenorracismo algorítmico: silenciamento e marginalização digital, enviesamento na categorização da escrita e enviesamento estético. Os resultados apontam que conteúdos sobre racismo e identidade africana recebem menor engajamento, que termos como “racismo” e “xenofobia” são frequentemente classificados como discurso de ódio e que padrões eurocêntricos são reforçados por meio de filtros e mecanismos de recomendação. Nesse sentido, os algoritmos das plataformas digitais operam sob lógicas de um novo colonialismo digital, que não apenas envia, como também mediam diferentes categorias identitárias, impactando diretamente a experiência digital de migrantes negros(as). Assim, esta pesquisa visa contribuir, a partir do entendimento acerca das discriminações algorítmicas, para a discussão de propostas como novas regulações em termos de governança e direitos no campo digital, ressaltando a necessidade de maior transparência nos sistemas de recomendação e de iniciativas que promovam uma internet mais justa e equitativa.

**Palavras-chave:** Estudos interculturais; Visibilidade digital; Xenorracismo algorítmico


### ABSTRACT:

The objective of this study is to understand the dynamics of xenoracism on digital platforms, with an emphasis on the experiences and perceptions of African migrants who act as content creators, exploring algorithmic mediation in digital visibility. The research, with a qualitative and exploratory-descriptive approach, used the snowball field insertion technique, involving six migrants of different nationalities from African countries and residents in Brazil. The analysis of the interviews, based on Critical Discourse Analysis, illustrated three main forms of algorithmic mediation of xenoracism: digital silencing and marginalization, bias in the categorization of writing, and aesthetic bias. The results indicate that content about racism and African identity receives less engagement, that terms such as “racism” and “xenophobia” are frequently classified as hate speech, and that Eurocentric standards are reinforced through filters and recommendation mechanisms. In this sense, the algorithms of digital platforms operate under the logics of a new digital colonialism, which not only bias, but also mediate different identity categories, directly impacting the digital experience of black migrants. Thus, this research aims to contribute, based on the understanding of algorithmic discrimination, to the discussion of proposals such as new regulations in terms of governance and rights in the digital field, highlighting the need for greater transparency in recommendation systems and initiatives that promote a fairer and more equitable internet.


**Keywords:** Intercultural studies; Digital visibility; Algorithmic xenoracism


<sup>I</sup> Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Doutorando, Universidade Federal do Rio de Janeiro , Rio de Janeiro, RJ, Brasil.


brunnoewerton1@gmail.com,  <https://orcid.org/0000-0001-6530-8290>

<sup>II</sup> Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco; Doutoranda, Universidade Federal do Rio de Janeiro , Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

juulialyra@gmail.com,  <https://orcid.org/0000-0001-8493-3921>

<sup>III</sup> Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Professor, Universidade Federal do Rio de Janeiro , Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

mohahajji@gmail.com,  <https://orcid.org/0000-0001-8699-8200>

<sup>IV</sup> Doutora em Psicossociologia e Ecologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Professora, Universidade Federal do Rio de Janeiro , Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

carevollo@gmail.com,  <https://orcid.org/0000-0003-1469-4456>

## INTRODUÇÃO

Dados do Observatório das Migrações Internacionais (OBMIGRA, 2022) indicam que migrantes africanos representam cerca de 15% do total de migrantes que atualmente vivem no Brasil, destacando-se países como Nigéria, Senegal, Angola, Guiné-Bissau e Cabo Verde. Mais do que uma questão numérica, essa presença carrega um impacto simbólico profundo em um contexto no qual os chamados "novos imigrantes" do Sul Global passaram a se estabelecer no país, sobretudo a partir dos anos 2010 e, com isso, tensionar o imaginário colonial da sociedade brasileira (ELHAJJI, 2023). Não por acaso, africanos e haitianos figuram entre as principais vítimas de violações dirigidas contra a população migrante e refugiada no país (CHADE, 2020), enfrentando barreiras semelhantes às pessoas afrodescendentes no que se refere ao acesso à cidadania, porém, com o agravante da sua condição de estrangeiridade.

Historicamente, as comunidades de africanos(as) em diáspora no Brasil têm habitado o limiar entre opressões e a preservação de identidades, memórias e práticas ancestrais (SEYFERTH, 2002). Esse legado colonial do racismo nos fluxos migratórios ressoa no conceito de xenorracismo, discutido por Sivanandan (1976), que, a partir de sua experiência como migrante

racializado em uma sociedade branca e colonial europeia, evidenciou a permanência das estruturas coloniais no cenário global. No Brasil, estudos como os de Faustino e Oliveira (2022) e Gil e Pizzinato (2023) analisam como o xenorracismo se manifesta nas relações interculturais, afetando migrantes negros(as) - vistos como duplamente indejesáveis por seu fenótipo racial e nacionalidade - e reforçando desigualdades estruturais. Desigualdades essas que, agora, são também tecnologicamente repaginadas.

Partindo de uma perspectiva psicossocial do hibridismo entre o mundo físico e as interseções das tecnologias digitais (HARAWAY, 1991; LATOUR, 1996), autores dos estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) denunciam os vieses na aprendizagem de máquinas da Inteligência Artificial (IA), manifestados no racismo algorítmico (O'NEIL, 2016; NOBRE, 2018; SILVA, 2020; 2022; EWERTON; LIMA, 2023) como uma nova forma de colonialismo digital (FAUSTINO; LIPPOLD, 2023). Nesse contexto, as tecnologias são majoritariamente controladas por *Big Techs* do Norte Global, cujos vieses influenciam diretamente a construção de identidades, representações e discursos nas plataformas digitais. A percepção de que os algoritmos que organizam e categorizam as informações dessas infraestruturas não são neutros (NOBRE, 2018), à vista disso, instiga o olhar para como diferentes preconceitos podem, apoia-

dos nelas, se articular de novas maneiras.

Tais pressupostos orientaram o seguinte problema de pesquisa: como os algoritmos das plataformas digitais afetam a visibilidade de criadores(as) de conteúdo migrantes africanos(as), reproduzindo dinâmicas coloniais de xenorracismo no ambiente digital?. O objetivo geral desta pesquisa é compreender as dinâmicas de xenorracismo nas plataformas digitais, com ênfase nas vivências e percepções de migrantes africanos(as) que atuam como criadores(as) de conteúdo, explorando a mediação algorítmica na visibilidade digital. Nesse sentido, ao buscar expor as violações enfrentadas por usuários racializados e migrantes, a pesquisa reforça a necessidade de políticas que assegurem equidade digital, contribuindo para debates sobre governança digital e regulamentação da Inteligência Artificial (IA), como o Projeto de Lei 2338/2023 (BRASIL, 2023), que propõe diretrizes para mitigar vieses algorítmicos e garantir transparência.

A fim de alcançar o objetivo exposto, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa exploratório-descritiva (GIL, 2008), possibilitando uma compreensão ilustrativa das experiências e percepções dos participantes. Utilizando o método de inserção de campo *snowball* (PARKER ET AL., 2019), os primeiros migrantes africanos(as) foram abordados em um serviço de acolhimento e, a partir de suas indicações, novos participantes se

somaram, totalizando seis migrantes – três mulheres cisgêneras e três homens cisgêneros – oriundos da Nigéria, Guiné-Bissau, Senegal, Ruanda e Cabo Verde, todos residentes no Brasil. Os procedimentos, realizados virtualmente, incluíram a assinatura do termo de consentimento, o preenchimento de um formulário sociodemográfico e entrevistas semiestruturadas. Os relatos transcritos foram analisados à luz da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2013), explorando as relações entre discurso, estruturas sociais e dinâmicas de poder.

Para este trabalho, é discutido como o agenciamento algorítmico apresenta vieses que resultam na invisibilização de conteúdos africanos, na marginalização de narrativas identitárias e na imposição de padrões estéticos que restringem a visibilidade de criadores da diáspora digital africana – fenômeno que, então, denomina-se como xenorracismo algorítmico. Esta noção remete à forma como a visibilidade nas plataformas digitais é mediada por padrões coloniais e estereotipados que interseccionam marcadores de raça e nacionalidade e, dessa forma, impactam de maneira específica migrantes negros(as) e comunidades da diáspora africana. Antes de apresentar os resultados obtidos, contudo, será apresentada uma revisão teórica e detalhamento metodológico das perspectivas que “suleiam” - no melhor estilo decolonial - nossa proposta.

## DESENVOLVIMENTO

### Algoritmos, Xenorracismo e a Persistência da Colonialidade

Em um olhar retrospectivo no qual analisa de que forma o capitalismo informacional tem impactado as bases de sustentação da sociabilidade tradicional, Muniz Sodré (2021) observa como o advento da internet veio acompanhado pela promessa de uma “democracia eletrônica” (p. 11). A hipótese de que a rede se configurava como um novo mundo sem fronteiras ou intermediários no fluxo comunicativo, tornado instantâneo, global e “supostamente capaz de pôr diferenças culturais em jogo dialógico” (idem), logo se provou equivocada. À medida que grandes corporações passaram a dominar a infraestrutura online, cooptada por interesses mercadológicos e financistas, a fala - pretensamente liberada de monopólios - se viu sequestrada por meio da linguagem binária dos algoritmos. Segundo Sodré, esta lógica extrativista, embora repaginada, não é nova: “era o que faziam os sistemas coloniais clássicos com as formas de vida dos povos subjugados, assim como fazem hoje com a vida humana os sistemas neocoloniais baseados na apropriação de dados” (p. 21).

A discussão sobre como o funcionamento de algoritmos está ancorado em práticas e estruturas de poder históricas, incluindo aquelas que

legitimam exclusões e discriminações de caráter racial, nos convoca a um exame crítico fundamentado na colonialidade do poder, conforme proposto por Aníbal Quijano (2000). Como analisa o autor, diferentemente do colonialismo, que se refere à ocupação territorial e à exploração direta, a colonialidade é um padrão de poder que transcende o projeto colonial tradicional, perpassando esferas sociais, políticas, culturais e epistemológicas. De acordo com Quijano (2000), essa matriz opera por meio da imposição de um sistema hierárquico de classificação racial e cultural que persiste mesmo após o fim formal das colônias, sustentando o eurocentrismo como padrão global de conhecimento e poder. Esse padrão, por sua vez, também reverbera na ocupação de lugares periféricos por parte dos países do Sul Global, cujas populações marginalizadas se vêem atraídas a migrar fugindo da pobreza, dos conflitos ou em busca de melhores oportunidades.

A experiência de Ambalavaner Sivanandan (1976), um srilankês no Reino Unido, colabora na reflexão sobre a confluência entre xenofobia e racismo, sintetizada no termo xenorracismo. Esse conceito reflete a experiência de ser um estrangeiro racializado e indesejado em sociedades que perpetuam estruturas coloniais e escravocratas, levantando importantes questões sobre a interculturalidade e a complexidade das narrativas de migração. Para Sivanandan (1976), o

xenorracismo é um fenômeno multifacetado, enraizado tanto na história colonial quanto nas dinâmicas contemporâneas de globalização e migração. Guardadas as especificidades da relação metrópole-colônia, ilustradas no exemplo pessoal de Sivanandan, os legados do colonialismo não devem ser desprezados na conformação do imaginário social nacional dos países latinoamericanos. Uma vez demarcando fronteiras entre o “eu” e o “outro”, a colonialidade do poder também incide no tratamento dispensado aos imigrantes no Brasil, especialmente face à sua consolidação enquanto importante local de destino e/ou trânsito das migrações sul-sul nos últimos anos (OBMIGRA, 2022).

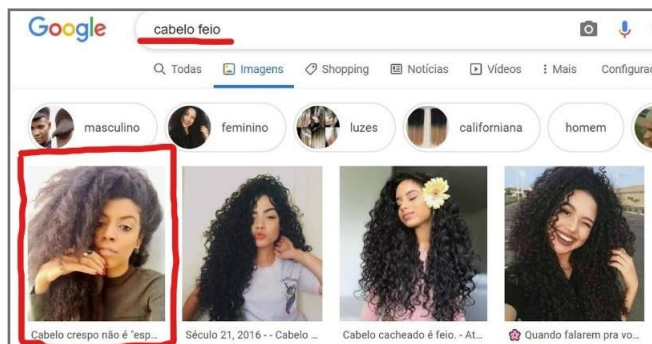
Apoiados na proposição do romancista srilankês, Faustino e Oliveira (2022) discutem as possibilidades de aplicação do conceito de xenorracismo aos estudos que versam sobre migração, diáspora e xenofobia no Brasil. Como argumentam os autores, os migrantes bem recebidos no país são, em grande parte, aqueles com características fenotípicas brancas e originários de países europeus ou norte-americanos. Assim, Faustino e Oliveira (2022) desconstruem o mito de país acolhedor ao demonstrar como a hospitalidade à brasileira, tal qual a aversão ao estrangeiro, sempre foi seletiva e desigualmente distribuída, seguindo-se critérios de origem geográfica e, sobretudo, classificação racial hétero-atribuída (p.

202). Em consonância com essa perspectiva, Elhajji (2023) argumenta que a combinação de marcadores indesejáveis cria um ambiente hostil para os migrantes racializados no país, com destaque para as pessoas negras de origem africana ou caribenha, a exemplo dos haitianos, e os sul-americanos com fenótipo indígena, como os bolivianos (p. 57).

No campo digital, essas dinâmicas coloniais se manifestam em práticas algorítmicas que reforçam desigualdades estruturais (BURRELL, 2016). Segundo Nobre (2018), os algoritmos, enquanto artefatos sociotécnicos, não são neutros: eles reproduzem o poder hegemônico, invisibilizando narrativas dissidentes e reforçando hierarquias raciais e socioeconômicas. Os algoritmos apresentam, assim, vieses que resultam de preconceitos incorporados aos códigos das máquinas (BURRELL, 2016), afetando significativamente quais conteúdos são priorizados, promovidos ou marginalizados nas plataformas digitais. Dado que tais infraestruturas são programadas com base em um montante de dados que refletem realidades históricas, a tendência é a de que discursos discriminatórios (Figura 1) sejam favorecidos em detrimento de considerações éticas sobre grupos minorizados. Nesse sentido, o conceito de Quijano (2000) é essencial para problematizar como a colonialidade molda as lógicas de visibilidade e exclusão digital, afetando comunidades de migrantes negros(as), no caso deste estudo em específico.

Figura 1 - Busca pelo termo 'cabelo feio' no Google

## Imagens



Fonte: Reportagem Revista Claudia Editora Abril (PINHEIRO, 2021)

Nessa perspectiva crítica, Faustino e Lippold (2023) afirmam que o colonialismo digital perpetua, nas plataformas, o imaginário de que a branquitude é o padrão de beleza desejável. Em consonância, o estudo de Silva (2020) denuncia como filtros de embelezamento facial no *FaceApp* (Figura 2) e no *Instagram* clareiam a pele de pessoas negras, revelando uma prática racista sutil, mas evidente, que afeta a estética e a subjetividade negra. O conceito de Faustino e Lippold (2023) contribui ainda para pensar como essas ambiências replicam estruturas coloniais ao marginalizar as vozes de sujeitos que abordam pautas identitárias. Como resultado, os algoritmos priorizam conteúdos considerados mais neutros ou comerciais, enquanto reduzem o engajamento de produções que tensionam as narrativas dominantes. Tal ideia é reforçada por Sodré (2021), ao defender que, na internet, “o que se busca é o encadeamento veloz de aparências (ideias precon-

cebidas, clich s, preconceitos etc.)” (p. 156).

Figura 2 - Aplicativo *FaceApp* embranquece rosto de pessoas negras

Fonte: Reportagem R7 (SANZ, 2019)

A captura da aten o por meio de mensagens reducionistas, de rápida apreensão e circula o, por sua vez, remete à lógica própria da visibilidade algorítmica nas plataformas digitais. Esse processo é exemplificado por Kaufman e Santaella (2020), a partir do *Instagram*, da seguinte forma: 1) Um perfil curte um *reels* sobre moda; 2) A curtida serve como dado de entrada para o algoritmo (*input*); 3) A IA, por meio de *machine learning*, aprende que o perfil tem interesse nesse nicho de conteúdos, com base no seu rastro digital; 4) A IA realiza uma minera o em seu banco de dados coletivo, cruzando conteúdos sobre moda que geram maior engajamento e impacto na plataforma; 5) Os algoritmos, então, apresentam nas indica es dos próximos *reels* resultados (*outputs*) de conteúdos sobre moda que têm maior chance de interessar o usuário. Assim, há um único objetivo final: garantir que o usuário passe mais tempo

conectado, fornecendo dados que ampliam o banco de informações e desenvolvem ainda mais a IA da plataforma (Kaufman; Santaella, 2020).

Em pesquisa de Ewerton e Lima (2023), foi analisado como o viés algorítmico afetava criadores digitais negros(as) brasileiros. Os autores destacam que aqueles que abordam temas de identidade racial e cultura afro-brasileira enfrentam limitações na visibilidade e alcance de suas publicações. Dessa forma, as interações com seus seguidores podem ser drasticamente afetadas pela maneira como os algoritmos classificam e disseminam o conteúdo, resultando em menor engajamento nas vezes em que temas sensíveis, como o racismo, são trabalhados, segundo os participantes do referido estudo (EWERTON; LIMA, 2023, p. 10). Para além de menosprezar certos assuntos e perspectivas, esses vieses também criminalizam formas legítimas de comunicação e expressão cultural das pessoas negras, conforme ilustrado por Silva (2020). O autor descreve como os algoritmos do X (antigo Twitter) passaram a enquadrar *tweets* em inglês que utilizavam gírias afro-americanas como discurso de ódio.

Assim, os estudos mencionados apontam para a existência de um viés racial embutido na programação e vinculado à engenharia de categorização dos termos utilizados nas postagens (Figura 3), que são analisados superficialmente pelos algoritmos, sem considerar a intenção edu-

cativa ou de denúncia social das discussões sobre racismo (SILVA, 2022). Logo, conteúdos que tratam de discriminação e identidade racial frequentemente têm sua visibilidade limitada, afetando negativamente as métricas dos perfis, como o número de visualizações, curtidas e compartilhamentos (EWERTON; LIMA, 2023). Para Mejías e Couldry (2019), essa dinâmica colonial dos dados desestimula a produção de conteúdo sobre temas que desafiam o status quo, criando uma forma de silenciamento digital. É a partir dessas referências teóricas e conceituais que surge o questionamento sobre como o xenorracismo algorítmico poderia afetar a visibilidade de criadores de conteúdos de origem africana que residem no Brasil.

Figura 3 - Estratégias contra o racismo algorítmico na escrita no *Instagram*



Fonte: Postagem 1 (ÉBANO, 2022); Postagem 2 (Choquei, 2022)

## Diáspora Digital e Visibilidade Migrante

Debater as formas de organização e resistência dos migrantes africanos, no caso, no meio digital, traz para o centro um conceito crucial: diáspora. O termo deriva da palavra grega "*διασπορά*" que significa dispersão, tendo suas raízes historicamente associadas ao processo de fuga do povo hebreu da Babilônia para o Egito em 586 a.C. (ELHAJJI, 2023). No cenário atual, segundo o supracitado autor, a diáspora digital tem sido amplamente debatida nos estudos migratórios, referindo-se à dispersão e à conexão de comunidades ou grupos étnicos por meio das plataformas digitais, o que desafia as fronteiras tanto geográficas quanto culturais.

Segundo Góes (2022), a afrodiáspora refere-se a um processo sócio histórico que tem raízes no tráfico de pessoas escravizadas para diferentes partes do mundo, resultando na formação de comunidades afrodescendentes com identidades, culturas e resistências diversas. Como trata a referida autora, o conceito reconhece as conexões históricas e contemporâneas entre esses grupos, bem como os desafios enfrentados devido ao racismo estrutural, à marginalização e às dinâmicas de exclusão. Neste sentido, os estudos de Seyferth (2002) sobre como a formação nacional brasileira foi moldada por políticas migratórias racistas revelam a produção de saberes, práticas culturais e for-

mas de organização comunitária afro diaspóricas como uma forma de resistência que reafirma a agência e a memória coletiva dos povos negros no Brasil.

Trazendo a perspectiva da afrodiáspora para o contemporâneo, cabe destacar como o avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) sobre a sociedade, em um processo no qual a multiplicação de *blogs*, sites e, mais recentemente, páginas e perfis de redes sociais se tornaram essenciais à construção diaspórica, favoreceram novas formas de expressão cultural, mobilização política e interação transcultural (ELHAJJI, 2023). À vista disso, pesquisadores assinalam como as tecnologias transformam os fluxos migratórios, as narrativas dos imigrantes, suas práticas interculturais, subjetividades e os impactos psicossociais no ambiente digital (APPADURAI, 1996; ELHAJJI, 2023).

A trajetória do conceito de diáspora digital na literatura acadêmica evidencia um processo contínuo de adaptação às transformações tecnológicas e socioculturais (APPADURAI, 1996). Historicamente, a noção de diáspora no contexto dos fluxos migratórios humanos tem sido amplamente debatida e reformulada, convergindo para a compreensão desse fenômeno como um processo psicossocial complexo que envolve aspectos de subsistência, perseguição, além de fatores políticos, econômicos, étnicos, religiosos, de gênero,

sexualidade e motivações subjetivas (ELHAJJI, 2023). Com a articulação estruturante das novas mídias no cotidiano (SODRÉ, 2021), os estudos sobre diáspora passaram, assim, a incluir as conexões virtuais que mantêm unidas as comunidades dispersas, como a de migrantes africanos.

Em uma revisão das pesquisas sobre diáspora digital no contexto brasileiro, Ewerton et al. (2024) traçam um panorama que evidencia o uso das plataformas digitais por migrantes como ferramentas para a produção de conteúdo, ampliando a visibilidade de suas pautas identitárias e abordando temas relevantes para suas comunidades. Além disso, os autores destacam que, ao recorrerem às redes sociais e outras mídias digitais, os migrantes não apenas reafirmam suas identidades, mas também fomentam debates sobre questões sociais, culturais, econômicas e políticas que os afetam, contribuindo para uma maior conscientização e inclusão social por meio da visibilidade proporcionada pelas plataformas digitais.

No estudo, os autores destacam como a discussão contemporânea sobre viés algorítmico pode impactar os migrantes que atuam como criadores de conteúdo. No Brasil, as pesquisas de Ávila (2022) e Lyra (2023) inovam ao apresentar o surgimento dessas figuras individuais que se apropriam de espaços online como o *Youtube* e o *Instagram* para falar sobre suas experiências e trajetórias de mobilidade, deslocando-se de um enfoque

prioritariamente comunitário adotado até então. Entretanto, conforme indicado pelo quadro elaborado por Ewerton et al. (2024), a interseção entre visibilidade e o uso das plataformas digitais por migrantes, assim como as possíveis afetações do viés algorítmico, permanece como um tópico ainda não suficientemente explorado nas publicações brasileiras da área. À vista disso, os autores enfatizam que, para compreender o impacto na reconfiguração da discriminação digital, é essencial “considerar os riscos de um constante processo de vigilância e visibilidade dos algoritmos” (EWERTON ET AL., 2024, p. 141).

Com base nas pesquisas sobre os usos das plataformas digitais por migrantes, sobretudo aqueles que são negros e oriundos de países africanos, a visibilidade proporcionada por essas ferramentas revela-se um aspecto crucial para a sua sobrevivência no Brasil. Ainda que não se possa ignorar que a visibilidade se tornou um recurso inserido na lógica da economia da atenção (ZUBOFF, 2015), afeita ao individualismo e a competitividade neoliberais, não nos parece desprezível observar a constituição de espaços que buscam valorizar as singularidades e questionar as opressões que acometem tais grupos racializados. Em especial, dada a irresponsabilidade civil (SODRÉ, 2021) que circunda essas infraestruturas, descompromissadas com a partilha da comum e a coexistência com a alteridade, a construção de

uma rede de representações e solidariedade entre migrantes africanos se afirma enquanto uma forma de resistência à colonialidade (QUIJANO, 2000), como defendemos na pesquisa.

## Metodologia

As discussões do presente artigo são fruto de uma pesquisa mais ampla de natureza exploratória e descritiva que visava responder como a mediação algorítmica afetava a visibilidade digital de migrantes africanos(as) em diáspora no Brasil. A investigação optou por uma abordagem qualitativa interpretativa, centrada na análise dos aspectos semióticos e linguísticos contidos nas falas dos participantes. Buscou-se, dessa forma, levantar hipóteses e compreender de maneira ilustrativa as percepções e experiências individuais, explorando construtos humanos e fenômenos psicossociais a partir das narrativas fornecidas (GIL, 2008).

A pesquisa utilizou o método de inserção no campo *snowball* (bola de neve), no qual cada participante indicava o próximo entrevistado, por meio das redes dos próprios migrantes, conforme o prisma de Parker et al. (2019). Segundo Gil (2008), este procedimento mostra-se eficaz em estudos qualitativos ao explorar as conexões que cada indivíduo cria com sua comunidade. Assim, o estudo começou com dois migrantes africanos(as)

abordados no Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes (CRAI-Rio), que, após as entrevistas, indicaram novos interlocutores. Tais indicações foram filtradas a partir dos seguintes critérios: 1) ser migrante transnacional negro(a) e africano(a); 2) ter 18 anos ou mais; 3) residir atualmente no Brasil; 4) residir no país há mais de um ano. Nessa seleção, chegamos a um total de seis entrevistados, sendo três migrantes auto identificados como cisgênero masculinos e três como cisgênero femininas, a maioria deles residindo em estados diferentes dos quais chegaram ao Brasil (Quadro 1).

Vale destacar que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRJ, sob o CAEE: XXXXX. Assim, com o consentimento dos participantes, foi enviado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, depois, um questionário sociodemográfico on-line. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas via plataforma *Zoom*, sendo posteriormente gravadas e transcritas e apresentando uma duração média de 45 minutos. Ambos procedimentos foram fundamentais para categorizar os perfis e explorar percepções acerca dos fenômenos psicossociais em questão, seguindo-se as recomendações de Gil (2008). Após as entrevistas, cada participante escolheu um nome fictício para garantir o anonimato e preservar suas identidades e histórias. Essa escolha buscou refletir

uma conexão com figuras proeminentes de seus países de origem, na perspectiva de reconhecer aquelas que representam para si tal identidade.

Quadro 1 - Dados Sociodemográficos dos Participantes da Pesquisa

Variáveis	Participantes da Pesquisa					
	Wole Soyinka	Amílcar Cabral	Aminata Touré	Yvette Umhuza	Djaima Almeida	David Himbara
<b>Idade</b>	32 anos	35 anos	27 anos	36 anos	30 anos	50 anos
<b>Gênero</b>	Homem cis	Homem cis	Mulher cis	Mulher cis	Mulher cis	Homem cis
<b>Nível Escolar</b>	Pós-Graduação em Economia	Pós-Graduando em	Bacharel em Comunicação	Bacharel em Marketing	Licenciatura em Letras	Licenciatura em Pedagogia
<b>País de Origem</b>	Nigéria	Guiné-Bissau	Senegal	Ruanda	Cabo Verde	Ruanda
<b>Ocupação e Renda</b>	Pesquisador Três Salários	Pesquisador e Professor	Jornalista Três Salários	Empresária Dez Salários	Professora Três salários	Professor Dois Salários
<b>Ano/Motivo da Migração</b>	2012- Intercâmbio Acadêmico	2010 - Intercâmbio Acadêmico	2022 - Intercâmbio Acadêmico	2022 - Trabalho no ramo de	2019- Intercâmbio Acadêmico	2003 - Refúgio
<b>Reside</b>	Curitiba, PR - BR	São Paulo, SP - BR	Salvador, BA - BR	São Paulo, SP-BR	Belo Horizonte, MG-	São Paulo-SP, BR
<b>Plataformas e Perfis</b>	Instagram: @temini.oficial 124 mil seguidores TikTok: @temine.oficial 29,7 mil seguidores	Instagram: @masnevalai 10,5 mil seguidores (18/03/2025)	Instagram	Instagram, TikTok e Facebook	Instagram e TikTok	Instagram e Facebook

Fonte: Autor (2025)

A análise dos dados sociodemográficos dos participantes revela que a faixa etária varia entre 27 e 50 anos e que todos possuem um alto nível educacional, com alguns tendo pós-graduação. O perfil profissional dos participantes também revela um deslocamento nas atividades exercidas: enquanto em seus países de origem atuavam majoritariamente em áreas acadêmicas, no Brasil, houve uma diversificação para setores como jornalismo, moda e empreendedorismo.

A análise da renda indica uma variação significativa, com a maioria dos participantes recebendo cerca de três salários mínimos, enquanto uma empresária da moda alcança uma remuneração maior e outra recebe apenas dois salários mínimos. Essas diferenças refletem desigualdades estruturais que impactam o acesso a melhores condições de trabalho, mesmo entre migrantes extremamente qualificados. Além disso, os motivos para a migração são uniformes: a maioria veio ao Brasil por razões acadêmicas.

O uso das plataformas digitais é uma ferramenta central para a construção da visibilidade para esses migrantes, sendo o *Instagram* a rede mais utilizada, seguido por *TikTok* e *Facebook*. Cabe ressaltar que apenas dois migrantes permitiram a divulgação dos seus perfis para esta pesquisa, o que traz questões de como, mesmo atuando no campo da visibilidade digital, é sensível para esses migrantes trazerem relatos

que vão na ordem de denúncia e crítica ao país que residem, explicitando a posição do imigrante como alguém em constante vigilância e que, cada vez mais, sofre com perseguições e hostilidades mundo afora.

Do ponto de vista analítico, as entrevistas transcritas foram interpretadas com base na Análise Crítica do Discurso (ACD), conforme proposto por Fairclough (2013). Essa abordagem não se limita ao conteúdo explícito das falas, mas também considera os contextos sociais, históricos e políticos que influenciam e são moldados pelos discursos. Segundo Fairclough (2013), a ACD aplicada à pesquisa social visa evidenciar como diferentes formas de linguagem legitimam certas perspectivas e influenciam os processos de identificação e subjetivação nas interações sociais. Em nossa pesquisa, a metodologia seguiu um caminho estruturado em cinco etapas, pensadas de maneira a propiciar uma análise mais sistemática e aprofundada das dinâmicas discursivas em tela e, dessa forma, também uma compreensão mais rica acerca dos fenômenos analisados.

Incorporando a perspectiva de Fairclough (2013), o primeiro passo consistiu na transcrição completa das falas dos participantes, incluindo pausas e elementos não verbais relevantes. Em seguida, a análise textual focou na escolha de palavras, estruturas gramaticais e metáforas utilizadas por eles, buscando identificar padrões que rev-

elassem suas identidades e posições sociais. O terceiro estágio envolveu a análise das práticas socioculturais, onde as entrevistas são contextualizadas em relação às dinâmicas de poder e ideologias predominantes que moldam as narrativas apresentadas. Na quarta fase, identificamos padrões e contradições nos discursos, observando tanto aqueles que reforçam normas sociais e ideológicas quanto as contradições que sugerem tensões nas práticas discursivas. Por fim, a interpretação crítica e reflexiva dos resultados se deu à luz das teorias sociais, organizando as falas obtidas em categorias discursivas que agruparam seus significados.

## Resultados e Discussão

Seguindo o prisma da ACD de Fairclough (2013), as Categorias agrupam as diferentes temáticas emergentes dos relatos dos participantes, enquanto os Eixos Discursivos detalham as formas como as narrativas foram construídas nos discursos dos entrevistados, conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 - Análise das Entrevistas seguindo o prisma da ACD de Fairclough (2013)

Categoria	Comportamentos Descritos como Xenorracismo
1 - Percepção e Vivências de Xenorracismo Algorítmico;	1.1 Silenciamento e Marginalização Digital; 1.2 Enviesamento na Categorização da Escrita; 1.3 Enviesamento Estético.

Fonte: Autor (2025)

Os resultados foram organizados em uma grande categoria ("*Percepção e Vivências de Xenorracismo Algorítmico*"), que discute como os participantes adentraram o campo da visibilidade migrante no Brasil, relatando barreiras e desafios impostos pelos algoritmos das plataformas digitais, que frequentemente reduzem sua visibilidade e restringem seu alcance. Esse fenômeno reflete desigualdades estruturais mais amplas, tornando-se um fator que impacta não apenas a interação dos migrantes nas redes sociais, mas também seu reconhecimento e construção identitária no meio digital. A seguir será apresentado a categoria e os eixos discursivos em tópicos para melhor discussão e compreensão do leitor(a).

### 1 - Percepção e Vivências de Xenorracismo Algorítmico

O relato dos participantes explora como as dinâmicas de xenorracismo algorítmico se manifestam no uso de seus perfis, o que, conforme propomos argumentar, não se limita a um viés. Os criadores(as) de conteúdo relataram diferentes manifestações desse fenômeno, que foram organizadas em três categorias principais: 1 - Silenciamento e marginalização digital; 2 - Enviesamento na categorização na escrita; e 3 - Enviesamento estético. Esses comportamentos influenciaram a visibilidade dos conteúdos produzidos de maneira negativa,

evidenciando o papel dos algoritmos na mediação entre diferentes categorias identitárias, criando, assim, interseccionalidades. À luz dos estudos no campo da Ciência, Tecnologia e Sociedade (O'NEIL, 2016; NOBLE, 2018; FAUSTINO, LIPPOLD, 2023), cabe analisar como as regras que regem a visibilidade digital podem limitar a capacidade de certos grupos e indivíduos de se expressarem plenamente. O migrante de Nigéria Wole Soyinka (@temine.oficial), relata um episódio que identificou em sua experiência:

Quando compartilhei um vídeo sobre festivais culturais africanos, o engajamento foi baixo, com poucas curtidas e compartilhamentos. No entanto, quando publiquei um conteúdo que abordava estereótipos negativos, como a fome na África, mesmo que o propósito fosse desconstruir esses estereótipos, o alcance e a interação foram muito maiores. Isso me leva a crer que o algoritmo das plataformas digitais tende a favorecer narrativas que reforçam preconceitos já existentes ou que atraem mais atenção por seu caráter sensacionalista (Entrevistado Wole Soyinka, 2024).

A percepção de Wole Soyinka ilustra um tipo específico de xenorracismo: o silenciamento e marginalização digital, que afeta o engajamento e as métricas de alcance para os migrantes negros(as). O relato sobre a discrepância no engajamento de seus conteúdos evidencia um padrão no qual

algoritmos das plataformas digitais priorizam narrativas sensacionalistas que reforçam preconceitos, enquanto reduzem o alcance de conteúdos que buscam valorizar aspectos positivos ou culturais das identidades africanas. Esse depoimento reforça o argumento de Noble (2018) quanto à não neutralidade dos algoritmos de busca e recomendação, desenhados para amplificar conteúdos alinhados às narrativas dominantes, assentadas no padrão colonial do poder (QUIJANO, 2000). No caso de Wole, o maior engajamento em publicações que abordam estereótipos negativos da África, como a fome, revela como o algoritmo reproduz preconceitos, limitando a capacidade de expressar narrativas alternativas.

Esse contexto é respaldado por denúncias de racismo algorítmico por influenciadores(as) negros(as) brasileiros(as) na pesquisa de Ewerton e Lima (2023), que analisa como as interações digitais desses criadores são frequentemente condicionadas por algoritmos que favorecem a exclusão e a marginalização. A estrutura algorítmica das plataformas digitais age como um filtro que amplifica ou minimiza a visibilidade de certas narrativas. É importante destacar que tanto o racismo quanto o xenorracismo algorítmico não apenas refletem discriminações preexistentes, como também participam ativamente da construção de uma ordem simbólica que determina quem é visto e ouvido na arena pública digital. Ambos fenômenos, além do

mais, se inserem dentro de uma lógica capitalista de monetização de atenção que, como explica Zuboff (2015), prioriza conteúdos que provocam reações emocionais intensas, como medo, indignação ou choque, no intuito de maximizar o tempo gasto entre telas e dispositivos.

Narrativas positivas ou culturalmente enriquecedoras, como descreve Wole Soyinka, não geram a mesma resposta imediata que conteúdos que reforçam preconceitos já enraizados. Assim, os algoritmos acabam por favorecer discursos estereotipados que garantem um lucro maior para as plataformas. Isso ecoa na noção de colonialismo de dados discutida por Mejías e Couldry (2019), ao enfatizarem como a relação entre dados massivos e sujeitos contemporâneos é intrinsecamente desigual, favorecendo formas de dominação e exploração. A compreensão de que os algoritmos de busca e os sistemas de classificação podem perpetuar práticas discriminatórias (NOBLE, 2018; O'NEIL, 2016) evidencia que a disseminação de conteúdo nas plataformas digitais vai além de uma questão técnica. Trata-se também de um debate ético e político que exige a denúncia do silenciamento sistemático das diversidades e a reivindicação do respeito às vozes marginalizadas, como as dos migrantes racializados.

O xenorracismo algorítmico, portanto, deve ser visto como um sistema de poder que afeta diretamente as possibilidades de participação e

resistência das comunidades africanas e negras em espaços digitais, o que se traduz em uma limitação na visibilidade daqueles que propõem temas e discussões construtivas relacionadas às suas vivências. Sobre esse resultado que emerge das experiências dos participantes, Wole Soyinka observa que: “a programação dos algoritmos frequentemente privilegia conteúdos que reforçam estereótipos negativos sobre a África e os africanos, como a pobreza e a vulnerabilidade” (Entrevistado Wole Soyinka, 2024). Assim, enquanto narrativas problemáticas tendem a ser amplificadas, as métricas dos conteúdos positivos - que buscam desconstruir esses estereótipos e valorizar aspectos do continente e/ou de seus países de origem - são significativamente menores, “o que sugere que o algoritmo pode estar priorizando ou promovendo mais os conteúdos que se alinham com preconceitos existentes”, reflete Wole.

No campo dos estudos da CTS, autores como Latour (1996) propõem que os não humanos - como as tecnologias e os algoritmos - não são apenas ferramentas passivas, mas atores que participam ativamente da configuração das interações sociais. No caso dos algoritmos, eles influenciam quem tem visibilidade e como as narrativas são disseminadas, criando redes de poder e controle sobre o conteúdo que é consumido e promovido. Na mesma linha, Donna Haraway (1985) e Muniz Sodré (2021) argumentam que as fronteiras entre

o humano e o tecnológico estão cada vez mais borradas, trazendo consequências para as questões de identidade e poder. No ambiente digital, essa articulação se manifesta na forma como os corpos e identidades marginalizadas, como os dos migrantes em análise, são representados e controlados. A luta de Soyinka para divulgar a cultura africana e combater intolerâncias pode ser vista como uma tentativa de resistir a essas dinâmicas algorítmicas, que, segundo Haraway, fazem parte de um sistema mais amplo de controle e categorização.

Autores como Silva (2020, 2022) também destacam que o racismo algorítmico opera em um nível estrutural, moldando as oportunidades de participação socioeconômica no ambiente digital. A luta contra esses sistemas, cujos critérios de preferência e rejeição de perspectivas ainda são pouco claros para o usuário comum, envolve não apenas a produção de conteúdos que desafiam estereótipos, mas também a resistência aos modos como as plataformas regulam e moldam o discurso. Nesse sentido, o algoritmo vai além de um viés: ele é uma parte ativa na mediação das interações, moldando o que é visível ou invisível nas plataformas digitais. Resistir a esses mecanismos seletivos envolve, necessariamente, um processo de conscientização sobre como as dinâmicas de visibilidade e silenciamento digital respondem à relações de poder que visam controlar as iden-

tidades marginalizadas. A seguir, Amílcar Cabral relata outros comportamentos identificados pelos produtores(as) de conteúdo:

Já postei sobre a violência que migrantes sofrem, como o caso do assassinato de um migrante congolês no Rio de Janeiro, e o conteúdo foi removido, com o Instagram alegando que se tratava de 'discurso de ódio'. Assim, percebi um silenciamento do algoritmo quando denuncie o racismo e a xenofobia que nós, africanos, enfrentamos. (Entrevistado Amílcar Cabral, 2024).

A experiência de Amílcar Cabral ilustra uma forma de xenoracismo algorítmico ainda mais grave: o silenciamento automatizado de conteúdos que denunciam a violência e a discriminação. A remoção de postagens que expõem o xenoracismo enfrentado por migrantes africanos exemplifica como os algoritmos invisibilizam não apenas narrativas positivas, mas também aquelas que pedem por reparação. Esse mecanismo de moderação algorítmica, ao classificar injustamente conteúdos de denúncia como "discurso de ódio", reforça o ciclo de marginalização. Vale destacar que o caso denunciado por Cabral se refere a Moïse Kabagambe, refugiado congolês que foi brutalmente assassinado em 2022 no Rio de Janeiro por conta de uma dívida que o dono do estabelecimento tinha com a vítima (G1, 2022). A remoção da postagem sobre um

episódio que ganhou repercussão em nível nacional, mobilização essa fundamental para garantir que os agressores fossem julgados e condenados sintetiza de que maneira as novas tecnologias operam um controle da memória, incluindo seu apagamento, de natureza colonial.

O algoritmo, programado para detectar e eliminar o que considera conteúdo sensível, não consegue distinguir entre discurso de ódio genuíno e denúncias legítimas de injustiça social. Ao fazê-lo, ele simultaneamente protege e amplia as estruturas de poder que mantêm preconceitos históricos, reverberando no domínio sobre a narrativa. Esse colonialismo digital, conforme descrito por Faustino e Lippold (2023), age de maneira a coibir as possibilidades de articulação política e resistência daqueles que compõem a diáspora africana. Plataformas como *Instagram*, *Facebook* e *X* tornam-se territórios coloniais digitais, nos quais os algoritmos aprofundam antigas práticas de subjugação, filtrando quais histórias podem ser contadas. Assim, o xenorracismo algorítmico atua como uma ferramenta de moderação que, intencionalmente ou não, prioriza discursos que reforçam estereótipos e marginaliza aqueles que buscam desafiá-los.

Como observa Benjamin (2023), os algoritmos não são neutros, senão construídos em cima de valores culturais e históricos, muitas vezes invisíveis, que refletem as hierarquias so-

ciais. No contexto digital, essas hierarquias tornam-se palpáveis na maneira como as experiências de grupos oprimidos são filtradas ou deslegitimadas por meio de sistemas que se apresentam como "objetivos" e "eficientes". A incapacidade dos algoritmos de processar as nuances das denúncias de xenorracismo ilustra a forma silenciosa como a tecnologia pode reforçar opressões, em vez de combatê-la. Sobre esse ponto, o entrevistado continua seu relato apontando os efeitos práticos do funcionamento algorítmico na sua visibilidade digital:

Você acaba não tendo muitas visualizações ou comentários. Isso é algo que tenho percebido. Quando você foca nas métricas, vê que a interação é muito baixa. Agora, por exemplo, quando é um migrante branco, como alguém 'descobrimo o Brasil', as pessoas acham lindo. Comparando com migrantes africanos negros, vejo que europeus e americanos, que têm um perfil mais desejado, acabam tendo mais seguidores e maior engajamento. (Entrevistado Amílcar Cabral, 2024).

A associação do migrante branco à figura do descobridor, com toda a carga de exotização que esse imaginário colonial comporta, por sua vez, contrasta com a visão compartilhada por muitos migrantes africanos que somente vêm a "descobrir" a experiência do racismo no Brasil. Conforme apontado por Amílcar Cabral, há uma

discrepância marcante entre o engajamento dos conteúdos criados por migrantes como ele e aqueles criados por migrantes provenientes do Norte Global. Isso não é apenas uma questão de mediação algorítmica, mas também um reflexo de uma desejetabilidade social que valoriza a estética e a cultura ocidentais. Sobre esse aspecto, David Himbara complementa com suas experiências como criador de conteúdo migrante e africano:

Percebo que conteúdos que mostram migrantes brancos, ou aqueles que seguem uma estética mais globalizada, acabam ganhando muito mais visibilidade nas plataformas. Parece que há uma espécie de filtro algorítmico que prioriza o que é mais aceito ou “vendável”, enquanto temas importantes, como o racismo, são jogados para o fundo. Isso reforça uma sensação de invisibilidade para quem tenta levantar discussões que desafiam o *status quo*. (Entrevistado David Himbara, 2024).

O conceito de xenorracismo algorítmico pode ser entendido a partir das ideias de Silva (2022) e Mejías e Couldry (2019), que discutem como as tecnologias digitais tendem a reforçar hierarquias sociais já existentes. Nesse contexto, a combinação de racismo e xenofobia forma uma barreira dupla para os criadores de conteúdo migrantes, que enfrentam uma desvalorização simultânea de suas identidades raciais e culturais, enquanto sujeitos do Sul Global. Em plataformas co-

mo *Instagram*, *YouTube* e *TikTok*, onde o algoritmo define quais conteúdos ganham maior alcance, a baixa interação e o alcance limitado de conteúdos que rompem com a narrativa hegemônica formulada sobre eles são evidentes. O relato de Cabral sobre a remoção de um vídeo denunciando a violência contra um refugiado congolês exemplifica como o colonialismo digital age para silenciar vozes que denunciam opressões. Isso cria um círculo vicioso, no qual os criadores de conteúdo migrantes que tentam combater estigmas e discriminações enfrentam dificuldades para alcançar um público mais amplo.

Sob a ótica de Latour (1996) na *ANT*, os algoritmos funcionam como agentes ativos nas redes digitais, influenciando a maneira como migrantes negros africanos são percebidos e representados. Eles interagem com outros atores – como preconceitos sociais e estereótipos culturais – para moldar a visibilidade digital de diferentes grupos, promovendo aqueles que já possuem maior capital social e invisibilizando os que não se encaixam nas normas padrões de valor. Essas restrições na visibilidade impactam profundamente na capacidade dos migrantes africanos se afirmarem na diáspora digital. Ao regular o alcance e o engajamento dos conteúdos, os algoritmos reforçam uma hierarquia racial e geopolítica na qual esses migrantes são sistematicamente marginalizados. O espaço digital torna-se mais uma arena

onde lógicas coloniais operam, limitando o potencial emancipatório das vozes da diáspora africana. Sobre esse tema, Aminata Touré narra sua experiência:

Um exemplo que realmente me marcou aconteceu no *TikTok* [...] Eu via que quando falava sobre racismo ou xenofobia, o engajamento caía. Muitas vezes, seguidores me diziam que não estavam conseguindo ver meus posts. Isso me deixou pensando: será que o algoritmo estava de alguma forma "punindo" conteúdos que traziam discussões mais sérias e necessárias? Ao mesmo tempo, percebia que vídeos de pessoas que não eram negras e que faziam piadas racistas ou compartilhavam estereótipos, muitas vezes recebiam destaque. Isso me deixou indignada e triste, porque é como se as plataformas priorizassem entretenimento fácil em vez de conversas que realmente importam. (Entrevistada Aminata Touré, 2024).

O relato de Aminata Touré traz à tona uma dimensão crítica da experiência de criadores de conteúdo migrantes negros(as) em plataformas digitais como o *TikTok*, onde discussões sérias sobre racismo e xenofobia parecem ser invisibilizadas ou "punidas" pelos algoritmos. A percepção de que vídeos com temáticas sociais importantes recebem menos destaque ou são deliberadamente suprimidos, enquanto conteúdos ofensivos e estereotipados são visibil-

izados, reflete o fenômeno do xenorracismo algorítmico. Esse tipo de enviesamento opera no cerne da forma como os conteúdos são gerenciados pelas plataformas, favorecendo narrativas sensacionalistas e desvalorizando discussões que desafiam as estruturas de poder.

A experiência de Aminata questiona a neutralidade dos algoritmos, sugerindo que eles privilegiam conteúdos que geram maior interação rápida, ainda que às custas da perpetuação do racismo, em vez de fomentar discussões que busquem transformar realidades sociais. Esse comportamento algorítmico está diretamente relacionado ao que podemos chamar de colonialidade digital, na qual o espaço online, que teoricamente deveria ser democrático e inclusivo, continua a reproduzir as hierarquias coloniais que privilegiam determinadas identidades em detrimento de outras. Nesse contexto, as plataformas atuam como novas ferramentas de opressão, reforçando estruturas de poder globais, onde corpos negros, especialmente de migrantes africanos, são marginalizados tanto no mundo físico quanto no digital. Aqui, o algoritmo não é apenas uma ferramenta técnica, mas um ator sociotécnico que agencia novas formas de opressão e busca manter o status quo.

O caráter sociotécnico dos algoritmos, por sua vez, leva à sua falsa neutralidade, conforme discutido por Silva (2022), cabendo observar como a suposição de sua imparcialidade na verdade

colabora para dissimular de que maneira as tecnologias têm sido instrumentalizadas para fins escusos. Vozes que desafiam normas estabelecidas são silenciadas, enquanto aquelas que as reforçam são amplificadas. Isso aprofunda ainda mais o fenômeno do xenorracismo, considerando que não são apenas os migrantes negros africanos que são silenciados, mas o próprio debate público em torno de temas como raça, migração e desigualdade se vê tolhido como um todo. Questionada novamente sobre os impactos práticos desse fenômeno, em sua vertente algorítmica, Aminata Touré relata:

Logo após essas postagens, notei que o número de visualizações era bem mais baixo e, conseqüentemente, também recebia menos comentários e compartilhamentos. Enquanto isso, meus vídeos sobre danças ou tendências estavam recebendo uma quantidade muito maior de visualizações e interações. (Entrevistada Aminata Touré, 2024).

Os efeitos relatados por Aminata, como a priorização de postagens feitas para o consumo rápido, não são apenas um reflexo das preferências da audiência, mas também um resultado de sistemas tecnológicos programados para manter os usuários conectados. Touré observa que, quando produz conteúdo sobre dança ou tendências – temas considerados menos polêmicos ou politicamente neutros –, suas visualizações e engajamen-

to aumentam significativamente. Isso reflete uma imposição indireta de conformidade, onde a visibilidade depende de um alinhamento com o que é considerado "aceitável" ou "desejável" pelas dinâmicas algorítmicas e sociais. Na prática, vemos a continuidade de uma lógica colonial, que historicamente marginalizou as vozes dos colonizados, operando no ambiente digital por meio da imposição de regras às quais aqueles que não se ajustam são, por isso mesmo, silenciados.

As plataformas digitais, em vez de promoverem uma democratização do espaço discursivo, reforçam as dinâmicas de opressão, nas quais as vozes de criadores negros são constantemente invisibilizadas, sobretudo quando desafiam as narrativas hegemônicas. Essa forma de xenorracismo algorítmico molda a visibilidade digital ao favorecer discursos que reforçam preconceitos e estereótipos, ao mesmo tempo em que suprime aqueles que promovem resistência e conscientização. O relato de Touré sobre o fato dos seguidores não conseguirem ver suas postagens críticas aponta para uma censura invisível, na qual o algoritmo "pune" certos tipos de conteúdo, limitando sua disseminação. Esse silenciamento estrutural desestimula a abordagem de temas complexos, particularmente aqueles que envolvem críticas ao racismo e à xenofobia. Desestímulo esse que pode ter um impacto psicológico e emocional significativo nos criadores de conteúdo, levando-os a re-

considerar as temáticas que abordam e, assim, se adaptar às exigências invisíveis do algoritmo para manter sua relevância nas plataformas.

No entanto, apesar dessas barreiras, o relato de Touré também demonstra um exemplo de resiliência narrativa. Mesmo diante do silenciamento algorítmico e da falta de engajamento em seus conteúdos críticos, ela continua a expor e denunciar as opressões que enfrenta. Essa resistência revela uma forma de micro-luta contra as dinâmicas opressivas das plataformas digitais, na qual criadores marginalizados encontram maneiras de continuar a compartilhar suas narrativas, apesar da invisibilidade imposta. A persistência em abordar temas como racismo e xenofobia, mesmo com o risco de menor visibilidade, é uma forma de subverter as limitações impostas pelos algoritmos e de afirmar a importância dessas discussões no espaço digital. A invisibilização de discussões aprofundadas sobre injustiças sociais ou de aspectos positivos do continente Africano, por outro lado, é motivo de incômodo para Yvette Umuhoza, que enxerga paralelos entre o que acontece dentro e fora das redes:

Quando vejo que meus conteúdos que tratam de identidade, racismo e cultura africana têm menos engajamento, me pergunto se não é exatamente isso que a sociedade e os algoritmos estão dizendo: “que esses conteúdos têm menos valor ou são menos interessantes”. A

gente vive isso nas ruas, no trabalho, e depois sente o mesmo nas plataformas digitais, como se a nossa voz fosse constantemente silenciada ou ignorada com uma sensação de invisibilidade. (Entrevistada Yvette Umuhoza, 2024).

A fala de Yvette Umuhoza destaca o silenciamento algorítmico, que, contudo, vai além da marginalização de certos temas, envolvendo também a dimensão dos corpos:

Um exemplo é que uma vez posto sempre fotos nos stories de mulheres negras vestindo meus modelos, e resolvi postar imagens do google de mulheres brancas usando roupas e adereços africanos, posto sempre no mesmo horário na noite depois de seis horas, e vi uma diferença grande de visualizações. A minha média é de 500 e dessa vez chegou a quase 1000. (Entrevistada Yvette Umuhoza, 2024).

Yvette Umuhoza traz à tona uma crítica sobre como a visibilidade nas redes sociais pode ser profundamente afetada pela racialização das imagens. Ao comparar a resposta do público a postagens que destacam mulheres negras com aquelas que mostram mulheres brancas utilizando roupas e adereços africanos, Yvette expõe um viés que parece privilegiar representações eurocêtricas em detrimento das identidades africanas e afrodescendentes. Essa dinâmica sugere um xenoracismo algorítmico que segrega vozes e estéticas não alinhadas aos padrões hegemônicos,

como apontam pesquisas sobre criadores digitais negros(as) realizadas por Ewerton e Lima (2023). Essa preferência por conteúdos que refletem um padrão ocidental de beleza não é acidental; ela reflete uma hierarquia de valor que perpetua estereótipos e marginaliza expressões autênticas de identidade negra. O que, por sua vez, também se insere na lógica da economia da atenção, na qual imagens e narrativas que atraem mais cliques e interações são promovidas independente de seu significado.

Essa lógica é respaldada por estudos que evidenciam como a visibilidade online está intrinsecamente ligada ao valor social e econômico das narrativas que as pessoas contam. De acordo com Zuboff (2023), as plataformas digitais operam em um sistema em que a extração de dados e a monetização da atenção do usuário se tornam centrais, levando a um ciclo em que o conteúdo que se alinha a estereótipos ou normas sociais amplamente aceitas é otimizado, enquanto narrativas desafiadoras são silenciadas. Acerca disso, a entrevistada Djalma Almeida compartilha sua percepção sobre as regras de monetização das plataformas: “muitas vezes, sinto que o algoritmo ‘empurra’ esses temas para baixo, porque talvez não sejam tão ‘vendáveis’ ou populares quanto outros tipos de conteúdo.” Assim, a experiência de Djalma ecoa uma crítica global sobre como o algoritmo media novas formas de opressão, em que as tecnologias

digitais não apenas refletem, como também perpetuam desigualdades.

Outro enviesamento descrito ocorre no campo da escrita e categorização algorítmica, conforme relata a participante:

Quando falo abertamente sobre racismo, usando a palavra de forma explícita, minhas postagens têm um engajamento bem menor, quase como se fossem "penalizadas". Parece que os robôs das plataformas confundem esses conteúdos, tratando qualquer menção a racismo ou outras formas de discriminação como discurso de ódio ou algo negativo, quando, na verdade, estou tentando educar e conscientizar. Isso acaba criando uma barreira para quem quer falar sobre esses temas de maneira séria, e ao mesmo tempo favorece a invisibilização dessas discussões. (Entrevistada Djalma Almeida, 2024).

Ao observar que suas postagens que abordam explicitamente o racismo geram um engajamento significativamente menor, Djalma expõe um fenômeno de censura algorítmica que penaliza vozes que buscam fomentar uma agenda antirracista. Segundo Silva (2020), há um enviesamento em relação a palavras como "racismo" ou outros termos relativos a pautas identitárias sobre raça. O autor cita o exemplo do X, onde *tweets* contendo a expressão "racismo" ou a hashtag *#BlackLivesMatter* foram derrubados sob a justificativa de moderação contra a violação da

política de discurso de ódio da plataforma. No entanto, conforme aponta a pesquisa de Ewerton e Lima (2023), criadores negros(as) relatam que esse mecanismo de categorização textual prejudicava e removia conteúdos que continham palavras associadas à questão racial. Essa dinâmica também é denunciada pelo criador David Himba:

[...] Sempre que mencionava diretamente palavras como "racismo" ou "discriminação", o engajamento caía drasticamente. Uma vez, publiquei um vídeo abordando a luta contra o racismo no Brasil, com uma análise crítica sobre a representação dos negros na mídia. Normalmente, minhas postagens atingiam cerca de mil visualizações nas primeiras horas, mas essa em específico mal passou de 200. (Entrevistado David Himbara, 2024).

O relato de David levanta uma questão importante sobre o controle exercido pelos algoritmos. A vigilância, conforme discutida por Zuboff (2023), aliada à moderação algorítmica, deve ser compreendida como uma forma de poder que molda o discurso público, criando imaginários e influenciando a percepção de certos temas, ainda que encoberta sob o véu da tecnicidade. Isso ressoa no que o estudo de Ewerton e Lima (2023) aponta com relação à dificuldade dos criadores negros(as) discutirem questões identitárias e raciais sem utilizar termos explícitos, cujo uso pode tolher significativamente o alcance do conteúdo. A

reprodução de um mesmo comportamento enviesado, no caso, manifesto no xenorracismo, ressalta a necessidade de repensar como as plataformas digitais operam, em especial, como os algoritmos impactam a capacidade das pessoas discutirem temas críticos abertamente.

Outro viés algorítmico relatado pelos participantes foi o embranquecimento facial promovido por filtros do *Instagram*, como destaca Djaima Almeida:

Teve outra situação que foi eu usando filtros do *instagram* e percebo que sempre embranquecem minha pele, como se para eu ser bonita tenho que ter a pele branca. Isso me leva a acreditar que, de certa forma, esses temas são vistos como "desinteressantes" ou até "problemáticos" para o algoritmo, que prioriza conteúdos mais neutros ou que não geram tanto desconforto. (Entrevistada Djaima Almeida, 2024).

A experiência de Djaima Almeida ilustra como se dá o enviesamento algorítmico do tipo estético. Os filtros de pele no *Instagram* vinculam-se diretamente aos conceitos de interseccionalidade e colorismo, analisados à luz do pensamento de hooks (2000). Em sua obra, a autora discute de que maneira a branquitude se tornou o padrão de beleza a ser admirado e seguido, enquanto a negritude foi associada à condição de inferioridade. Nesse sentido, a interseção entre

raça e gênero se revela fundamental na experiência digital de Djaima, que simultaneamente enfrenta o racismo e uma pressão estética que afeta as mulheres negras de maneira singular. Mulheres negras, como discutido por Fanon (1967), são forçadas a se enquadrar em padrões de beleza eurocêntricos para serem aceitas socialmente. Esse processo, acentuado pelos algoritmos, reforça a ideia de que a branquitude é sinônimo de beleza, e que a negritude, por outro lado, precisa ser modificada ou suavizada.

A questão do colorismo, que se refere à discriminação dentro de grupos raciais com base no tom de pele, também emerge com força nesse contexto. O fato dos filtros embranquecerem a pele de Djaima aponta para uma preferência digitalizada por tons de pele mais claros, reforçando o fenômeno, já discutido por Fanon, de que a colonização vinculou a pele mais clara à maior aceitação e status social. Nas plataformas digitais, esse colorismo se manifesta de maneira algorítmica, perpetuando uma estética que favorece a clareza da pele e marginaliza os corpos mais escuros, como denuncia Silva (2020).

Fanon (1967) argumenta que o mecanismo psicológico de ‘embranquecimento’, ou seja, a internalização da supremacia branca, está profundamente enraizado nas dinâmicas coloniais. Para as mulheres negras, a sua feminilidade é constantemente desvalorizada em comparação à femini-

lidade branca, resultando em uma pressão estética. Nas plataformas digitais, isso se traduz em filtros que literalmente clareiam a pele de mulheres negras, um comportamento que também é denunciado por criadores(as) de conteúdo negros (as) na pesquisa de Ewerton e Lima (2023). Essa “correção” digital do tom da pele é um exemplo de como preconceitos são assimilados na construção de tecnologias, levando a uma forma de opressão estética que Fanon (1967) já reconhecia como parte do legado do colonialismo, onde corpos negros eram sistematicamente desumanizados e transformados em objetos de ajuste.

Considerando que o viés do algoritmo é uma extensão de práticas psicossociais opressoras que agem e se reformulam, na espacialidade digital, sob o formato da engenharia de dados, autores como Faustino e Lippold (2023) defendem uma abordagem teórico-conceitual nomeada como “crítica hacker-fanoniana”. Nela, sugerem que o pensamento de Franz Fanon poderia contribuir na formulação de novos caminhos de ação descolonizadora, agora aplicadas às tecnologias digitais. Tecnologias essas de cunho extrativista e explorador que, por isso mesmo, precisam ser colocadas à serviço da emancipação dos povos oprimidos. Como relatado por Djaima, esse colonialismo também reverbera na maneira em que a estética negra é remodelada por filtros digitais que priorizam traços eurocêntricos, perpetuando, assim, far-

dos que Fanon (1967) tanto criticou.

Tal processo, segundo Fanon (1967), desumaniza a subjetividade negra ao reforçar a que a aceitação e a beleza só podem ser alcançadas em adesão à estética branca. Ao articular essa perspectiva com a interseccionalidade de gênero, discutida por Crenshaw (1991), observa-se como as mulheres negras não apenas enfrentam racismo algorítmico, mas também sexismo e uma pressão estética adicional que afeta sua visibilidade digital. Nesse contexto, as mulheres negras são sistematicamente "corrigidas" por filtros que, à luz de Fanon (1967), podem ser interpretados como uma forma de alienação pós-colonial: o desejo (imposto ou sugerido) de se distanciar da negritude para se aproximar do padrão da branquitude. Esse embranquecimento revela como o xenorracismo algorítmico se manifesta de maneira estética e conectada ao gênero e ao colorismo. A lógica colonial segue ativa por meio de algoritmos que marginalizam a identidade e a beleza negra, sustentando uma violência simbólica e psicológica que Fanon (1967) identificou como uma das maiores tragédias desse regime.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou compreender como os algoritmos das plataformas digitais afetam a visibilidade de migrantes africanos(as) que atuam como criadores(as) de conteúdo, reproduzindo dinâmicas coloniais de xenorracismo no ambiente digital. A partir das análises, foi possível identificar que os sistemas de recomendação e moderação dessas plataformas operam de maneira enviesada, marginalizando narrativas identitárias africanas e limitando a visibilidade desses criadores. Esse fenômeno, que denominamos de xenorracismo algorítmico, ilustra como os processos e artefatos tecnológicos não são neutros, mas sim atravessados por clivagens históricas excludentes.

Acerca disso, vale destacar que os resultados aqui discutidos tomam por base as experiências narradas pelos participantes deste estudo, de maneira que não é o objetivo deste estudo generalizar ou comprovar tais comportamentos, senão compreender as percepções e os imaginários dos próprios atores-chave da pesquisa. Nesse sentido, entre as diferentes formas de xenorracismo algorítmico possíveis, os participantes destacaram três tipos principais: 1) Silenciamento e marginalização digital; 2) Enviesamento na categorização da escrita; e 3) Enviesamento estético.

No presente trabalho, o silenciamento e a marginalização digital se materializam quando

conteúdos que abordam racismo, xenofobia e questões identitárias africanas recebem menos engajamento e visibilidade. Esse fenômeno sugere que os algoritmos das plataformas digitais penalizam discussões sobre discriminação, enquanto favorecem conteúdos mais neutros ou sensacionalistas que reforçam preconceitos estabelecidos. No que diz respeito ao enviesamento na categorização da escrita, percebe-se que menções explícitas a termos como "racismo" ou "discriminação" são automaticamente classificadas como discurso de ódio ou negatividade, dificultando a conscientização e a educação sobre esses temas. Esse mecanismo algorítmico trata discussões importantes como ofensivas, invisibilizando vozes que denunciam opressões.

Já o enviesamento estético manifesta-se na maneira como as tecnologias, como os filtros de imagem nas redes sociais, reforçam padrões eurocêntricos de beleza, embranquecendo traços físicos de pessoas negras. Ao promover um ideal estético que marginaliza o fenótipo negro, os algoritmos perpetuam dinâmicas de colorismo e contribuem para a exclusão digital, sugerindo que apenas um tipo de aparência é valorizado ou desejável. Assim, essas três modalidades de enviesamento algorítmico moldam diretamente a experiência dos criadores de conteúdo migrantes, afetando sua visibilidade e perpetuando formas de opressão que acontecem dentro e fora das telas.

Logo, o debate sobre racismo algorítmico e dinâmicas de exclusão digital, por sua vez, também evidencia a urgência de políticas públicas que promovam maior transparência e equidade nos sistemas de recomendação no marco de iniciativas e legislações como a PL 2338/2023 (Brasil, 2023) que visam a regulamentação das *Big Techs* no Brasil. A responsabilização dessas empresas é um passo prioritário para a garantia dos direitos do cidadão-usuário e também para a coibição da difusão em larga escala de discursos de ódio que, dentre outros grupos, têm nos migrantes racializados um de seus bodes expiatórios. Visto tal, este estudo reconhece suas limitações metodológicas e indica que é necessário futuras pesquisas de caráter amostral ou que partam de recortes socio-demográficos diferentes dos nossos, alcançando um público maior e diverso, sobretudo no contexto sul-americano.

Por fim, este trabalho ressalta o compromisso ético e político da escuta, entendendo a pesquisa científica como uma amplificadora das vozes desses criadores(as) em afrodíspora no sentido de visibilizar suas demandas e buscar uma internet que seja mais justa e equitativa.

## REFERÊNCIAS

APPADURAI, A. **Modernity at large**: Cultural dimensions of globalization. Minnesota: University of Minnesota Press, 1996.

ÁVILA, O. Webdiáspora e a Decisão de Migrar: Relatos Haitianos no Brasil. **Espaço Aberto**, v. 9, n. 1, p. 43-59, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7879930>. Acesso em: 13 jul. 2023.

ÁVILA, O. **Autoapresentação, performatividade e testemunho na internet**: A webdiáspora deslocada para a visibilidade do self migrante. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: [http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses\\_dissertacoes\\_interna.php?tease=23](http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=23). Acesso em: 23 jun. 2022.

BRASIL. **Senado Federal. PL 2338/2023**. Brasília, DF: Senado Federal, 2023. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/157233>. Acesso em: 21 abr. 2023.

BURRELL, J. How the Machine ‘Thinks’: Understanding Opacity in Machine Learning Algorithms. **Big Data & Society**, v. 3, n. 1, p. 1-12, 2016. Disponível em: <https://>

[doi.org/10.1177/2053951715622512](https://doi.org/10.1177/2053951715622512). Acesso em: 10 jul. 2024.

COGO, D. Internet e redes migratórias transnacionais: narrativas da diáspora sobre o Brasil como país de imigração. **Novos Olhares**, v. 4, n. 1, p. 91-104, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2015.102224>. Acesso em: 13 jul. 2023.

COGO, D. Communication, migrant activism and counter-hegemonic narratives of Haitian diaspora in Brazil. **Journal of Alternative & Community Media**, v. 4, n. 3, p. 71-85, 2019. DOI: [https://doi.org/10.1386/joacm\\_00059\\_1](https://doi.org/10.1386/joacm_00059_1). Acesso em: 17 fev. 2024.

CHADE, Jamil. ONU: imigrante vive xenofobia no Brasil e desmonta mito de país acolhedor. UOL, 28 jun. 2022 [04h00]. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamilchade/2022/06/28/onu-estrangeiro-vive-xenofobia-no-brasil-e-desmonta-mito-de-paisacolhedor.htm-media/>. Acesso em: 16 ago. 2023.

CHOQUEI. Vinícius Júnior continua sendo alvo de ataques r4c1st4as. **Choquei**, São Paulo, 2020. Instagram: @choquei. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CisDcVPuVmj/?>

- igshid=YmMyMTA2M2Y%3D. Acesso em: 21 abr. 2023.
- CRENSHAW, K. Race, gender, and sexual harassment. s. Cal. I. **Rev. Hein Online**, v. 65, p. 1467, 1991. Disponível em: <https://heinonline.org/HOL/LandingPage?handle=hein.journals/scal65&div=70&id=&page=>. Acesso em: 15 mar. 2024. Acesso em: 16.feb.2024.
- ÉBANO. Não importa a classe social, o quão influente se é. **Revista Ébano**. São Paulo, 14 set., 2022. Instagram: @ revistaebanobrasil. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cifrov1A-li/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D>. Acesso em: 21 abr. 2023.
- ELHAJJI, M.; ESCUDERO, C. Webdiáspora: migrações, TICs e memória coletiva. *Observatório, Palmas*, v. 2, n. 5, p. 334-363, set./dez. 2016.
- ELHAJJI, M. **O Intercultural Migrante: Teorias & Análises**. Porto Alegre: Editora Fi. Disponível em: <https://doi.org/10.22350/9786559176830>. Acesso em: 20 out. 2023.
- EWERTON, B.; LIMA, C. Racismo Algorítmico: Vivências e Percepções de Influenciadores (as) Digitais Negros (as). **Revista África e Africanidades**, v. 2, n. 48, p. 1-18, 2023. Disponível em: [https://africaeaficanidades.com.br/documentos/ARTLIV03\\_ed.47-48.pdf](https://africaeaficanidades.com.br/documentos/ARTLIV03_ed.47-48.pdf). Acesso em: 30 ago. 2024.
- EWERTON, B.; VILLALÓN, C.; ELHAJJI, M. Diáspora nas plataformas digitais no Brasil: pesquisas sobre TIC's e migrações. **Lumina**, v. 18, n. 1, p. 128-145, 2024a. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2024.v18.42910>. Acesso em: 30 ago. 2024.
- FAIRCLOUGH, N. **Critical discourse analysis: The critical study of language**. London: Routledge, 2013.
- FAUSTINO, D.; LIPPOLD, W. **Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2023.
- FAUSTINO, M.; OLIVEIRA, M. Xenofobia racializada? Problematizando a hospitalidade seletiva aos estrangeiros no Brasil. **REMHU: revista interdisciplinar da mobilidade humana**, v. 29, p. 193-210, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006312>. Acesso em: 20 out. 2023.
- FANON, F. **Black skin, white masks**. New York: Grove Press, 1967.

- GIL, A. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Barueri: Editora Atlas SA, 2008.
- GIL, P.; PIZZINATO, A. Análise psicossocial do processo migratório de haitianos (as) ao Brasil: uma perspectiva interseccional de raça-etnia, gênero e idade. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 31, p. 165-183, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-85852503880006811>. Acesso em: 30 ago. 2023.
- GÓES, J. Du Bois and Brazil: Reflections on Black Transnationalism and African Diaspora. **Du Bois Review: Social Science Research on Race**, v. 19, n. 2, p. 293-308, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S1742058X2100045X>. Acesso em: 23 mar. 2025.
- G1. **Moïse Kabagambe**: O que se sabe sobre a morte do congolês no Rio. G1: Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/01/31/moise-kabamgabe-o-que-se-sabe-sobre-a-morte-do-congoles-no-rio.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2024.
- HALL, S. Identidade cultural e diáspora. **Comunicação & Cultura**, n. 1, v. 34, p. 21-35, 2006. Disponível em: journals.ucp.pt. Acesso em: 30 ago. 2023.
- HARAWAY, D. A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century. In: **Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature**. New York: Routledge, 1991. p. 149-181.
- HOOKS, B. **Where We Stand: Class Matters**. New York: Routledge, 2000.
- KAUFMAN, D.; SANTAELLA, L. The role of artificial intelligence algorithms in the social web/O papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes sociais/El papel de los algoritmos de inteligencia artificial em las redes sociales. **Revista Famecos-Mídia, Cultura e Tecnologia**, v. 27, n. 2, p. 12-25, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.34074>. Acesso em: 21 abr. 2023.
- LATOUR, B. **On actor-network theory: A few clarifications**. Paris: Soziale welt, p. 369-381, 1996.
- LYRA, J. **Ser migrante, tornar-se influencer**: visibilidade, inspiração e estratégias de pertencimento da migração venezuelana no Brasil. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/49580>. Acesso em 27 ago. 2023.

- MEJÍAS, U.; COULDRY, N. Colonialismo de dados: repensando la relación de los datos masivos con el sujeto contemporáneo. **Virtualis**, v. 10, n. 18, p. 78-97, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.2123/virtualis.v10i18.289>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS (OBMigra). **Relatório Anual de Migrações Internacionais 2022**: Perfil dos migrantes no Brasil e inserção socioeconômica. Ministério da Justiça e Segurança Pública, Brasília, 2022. Disponível em: <http://obmigra.mj.gov.br>. Acesso em: 07 out. 2024.
- NOBLE, S. **Algorithms of Oppression**: How Search Engines Reinforce Racism. New York: NYU Press, 2018.
- NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Editora Perspectiva SA, 2016.
- O'NEIL, C. **Weapons of Math Destruction**: How Big Data Increases Inequality and Threatens Democracy. London: Crown Publishing Group, 2016.
- PARKER, C.; SCOTT, S.; GEDDES, A. **Snowball sampling**. SAGE research methods foundations, 2019.
- PINHEIRO, A. Como a internet reproduz machismo e racismo – e às vezes você nem percebe. **Revista Cláudia**. São Paulo, 22 jun., 2021. Reportagem site. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/algorithm-machismo-racismo>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- PONZANESI, S. Digital diasporas: Postcoloniality, media and affect. **Interventions**, v. 22, n. 8, p. 977-993, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1369801X.2020.1718537>. Acesso em: 07 set. 2023.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. **Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO**, 2000. Disponível em: [https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf). Acesso em: 04 dez. 2024.
- SANZ, B. Além da denúncia de uso de dados pelas empresas, o reconhecimento facial não é isento de erros e de preconceitos contra minorias. **Record R7**. São Paulo, 19 jul., 2019. Reportagem site. Disponível em: <https://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/o-racismo-por-tras-dos-filtros-do-faceapp-e-de-outras-tecnologias-19072019>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- SIVANANDAN, A. Race, class and the state: the black experience in Britain: For Wesley Dick—poet

and prisoner in some answer to his questions.

**Race & Class**, v. 17, n. 4, p. 347-368, 1976. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/030639687601700401>. Acesso em: 20 out. 2023.

SILVA, T. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: Microagressões e Discriminação em Código. In: **Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais: Olhares Afrodiaspóricos**, v. 3, n. 3, p. 121-135, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile>. Acesso em: 20 abr. 2023.

SILVA, T. **Racismo algorítmico**: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. São Paulo: Edições Sesc SP, 2022.

SEYFERTH, G. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. **Revista USP**, n. 53, p. 117-149, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/33192/35930>. Acesso em: 20 out. 2023.

SODRÉ, M. A sociedade incivil: mídia, iliberalismo e finanças. Petrópolis: Vozes, 2021.

ZUBOFF, S. The age of surveillance capitalism. In: **Social Theory Re-Wired**. Abingdon: Routledge, 2023.